

ANTONIO FERREIRA COIMBRA JÚNIOR

**Ensino de História em tempos de Covid-19
repensando a Peste Negra de 1348.**

Trabalho apresentado ao GT- Memórias desta e de outras pandemias/epidemias, como atividade de graduação em História do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Alfenas.

Coordenadores: Luiz Antonio Sabeh e Marta
Rovai

Alfenas
2020

Proposta de uso de documento em sala de aula.

Informações sobre a atividade

O documento será utilizado na aula de História da Unidade Temática IV - Transformações na Europa medieval – Crise do século XIV: A peste negra, do 6º ano do Ensino Fundamental II.

A atividade consistirá na identificação do documento histórico, uma breve análise do seu significado, a importância da sua origem como fonte histórica, seu autor e sua época de produção. Será realizada, após introdução e desenvolvimento de conteúdos relativos à grande peste na Idade Média, como forma complementar para uma melhor apreensão do conteúdo sobre tão dramático e transformador acontecimento histórico.

A fonte selecionada para análise será o Decameron, de Giovanni Boccaccio: trecho do texto no qual ele narra, com riqueza de detalhes, o surgimento, a progressão e devastações da doença, por toda a Europa. Boccaccio nasceu em 1321 na pequena cidade de Certaldo, próximo à Florença, na Itália, e foi, segundo Carlos Berriel, o criador das letras modernas, o iniciador da moderna prosa de ficção e o mais importante cronista que descreveu de forma contundente a terrível pestilência na obra Decameron, escrita no ano de 1348. Boccaccio aplicou à obra uma forma de registro realista ausente de finalidades morais ou instrutivas, rompendo assim com a tradição narrativa do exemplo, ou mesmo da poesia de Dante; o Decameron é um exame livre e mundano do jogo de forças que preside as ações humanas. (BOCCACCIO, 2013, p. 7, 11).

Durante a peste negra em 1348, dez jovens se encontram, casualmente, na igreja Santa Maria Novella. É um grupo de sete moças e três rapazes que fogem da peste e do caos da cidade. Vão para uma vila nas montanhas de Fiésole e, num ambiente descontraído, num jardim, passam os dias entre música e contos de histórias que são as novelas do livro.

“Digo, pois, que os anos da frutífera encarnação do Filho de Deus já haviam chegado ao número 1348 quando, na insigne cidade de Florença, a mais bela de todas as da Itália, ocorreu uma peste mortífera, que – fosse ela fruto da ação dos corpos celestes, fosse ela enviada aos mortais pela justa ira de Deus para correção de nossas obras

iníquas – começara alguns anos antes no lado oriental, ceifando a vida de incontável número de pessoas, e, sem se deter, continuou avançando de um lugar a outro até se estender desgraçadamente em direção ao ocidente E, de nada havendo servido os saberes e as providências humanas, como a limpeza das imundícies da cidade por funcionários encarregados de tais coisas, a proibição de entrada dos doentes e os muitos conselhos dados para a conservação da salubridade, e tampouco encontrando efeito as humildes súplicas feitas a Deus pelos devotos, não uma vez, mas muitas, em procissões e de outros modos, era já quase início da primavera do ano acima quando começaram a manifestar-se de maneira prodigiosa seus horríveis e dolorosos efeitos.” (Boccaccio, 2013, p.17).

“E, em meio a tanta aflição e miséria da nossa cidade, a veneranda autoridade das leis divinas e humanas estava quase totalmente decaída e extinta porque seus ministros e executores, assim como os outros homens, estavam mortos ou doentes, ou então se encontravam tão carentes de servidores que não conseguiam cumprir função alguma; por esse motivo, era lícito a cada um fazer aquilo que bem entendesse”. (Boccaccio. 2013, p.19).

BOCCACCIO, Giovanni (1321-1375). Decameron. Porto Alegre: L&PM, 2013.

Site LeLivros.info Disponível em:<<file:///C:/Users/anton/Downloads/Decameron%20-%20Giovanni%20Boccaccio.pdf>>

O documento será apresentado em equipamento de multimídia na própria sala de aula (se houver) ou em sala apropriada exclusivamente para este fim; ou ainda, em cópias, entregues aos alunos para acompanhamento da leitura, quando não houver nenhuma das possibilidades anteriores. Será analisado visando identificar as similitudes e diferenças que possam ser percebidas entre a medievalidade e a contemporaneidade em situação de pandemia e em regime de profundas alterações da ordem social.

À apresentação e análise da fonte, se somará, uma contextualização do documento e a forma de narrativa do autor, e uma abordagem sobre o momento histórico ao qual o documento pertence, ou seja, toda a situação de pandemia da Peste Negra, em 1348. Algumas questões serão, posteriormente, feitas à fonte, considerando que os alunos/as já terão algum conhecimento satisfatório sobre a peste embasado no conteúdo apresentado e seu tempo histórico, e estejam aptos a responder.

Um mapa europeu do século XIV será utilizado para auxiliar na contextualização, inclusive, considerando as rotas comerciais do período, que estão estreitamente relacionadas ao surgimento da peste.



Mapa da Europa no século XIV. Blog: Multiblog. Acesso em: 20/08/2020.

Disponível em: <<https://bronzetras.blogspot.com/2013/07/o-comercio-europeu-no-seculo-xiv.html>>

A peste do século XIV teve seu início em 1346, em Kafka, na Criméia, e se espalhou por mar e terra para a maior parte da Europa. Em 1348, já se espalhara por Constantinopla, Itália e França; na Inglaterra chegou no inverno de 1348 e, em 1350 já atingira a Alemanha, Polônia e Escandinávia. “Ficou conhecida como Morte Negra e houve sucessivas ondas de grande gravidade que se propagaram por todo o Ocidente. As primeiras, na Europa, por volta de 1348, 1362, 1374, 1383, 1389 e 1400” (LOYN, 1997, p. 695)

O bacilo (*Yersinia pestis*) só foi descoberto em 1894: sabe-se, portanto, que os vetores do bacilo, pulgas pretas que transmitem a doença ao homem, são transportados por ratos.

Conforme Loyn (1997, p. 697).

Existem duas formas: a bubônica, que provoca inchações, ou ínguas, nas axilas ou virilhas, levando frequentemente à morte em seis dias. A pneumônica: é mais incomum, sendo diretamente transmitida de pessoa a pessoa; leva geralmente à morte em três dias e foi essa a forma que ocorreu no inverno, na década de 1340. No desespero, suscitavam ideias de cunho religioso pra identificar os culpados, como os judeus, que eram responsabilizados pela transmissão da doença, foram perseguidos e massacrados — sobretudo na Alemanha — enquanto que o medo da morte também propiciou o crescimento de grupos religiosos fanáticos, como os Flagelantes.

O que se pretende é que os/as alunos/as entendam é como a peste se desenvolveu pela Europa e que um dos aspectos, foi, portanto, o efeito do progresso do crescimento urbano. O comércio europeu se desenvolvia e os negociantes genoveses e venezianos partiam para negociar até os confins do Mar Negro e lá entravam em contato com os mercadores que vinham da Ásia.

Para Duby (1998, p. 84).

Primeiramente, eles fizeram escala na Sicília, e o sul da Itália foi atingido no início de 1347. A seguir, a doença introduziu-se em Avignon, através de Marselha. Ora, Avignon, em 1348, era a nova Roma. O papa ali residia [...] De Avignon, a doença espalhou-se, de uma maneira fulminante, por quase toda parte. Durante o verão de 1348, entre os meses de junho e setembro, um terço da população europeia sucumbiu. Um dos problemas era enterrá-los. Não havia mais madeira para fazer os caixões.

Nesse instante chamar a atenção do aluno/a para o fato de que a figura do papa atraía a atenção e interesse das pessoas e, nesse fluxo e refluxo muito grande de pessoas, a doença se espalhara com muita rapidez.

Outra questão muito importante que será abordada é a de que já havia, naquela época uma medicina e uma cirurgia de grande qualidade. Estes tinham uma ideia dos mecanismos da contaminação, porém, não, a real causa.

Segundo Duby (1998, p. 86).

Sabiam que o ar viciado propaga os miasmas. Portanto, eles recomendavam queimar ervas aromáticas nas ruas. Mas eles não sabiam que era necessário defender-se contra as pulgas. As categorias sociais mais poupadas foram, portanto, as que viviam em melhores condições de higiene, isto é, os ricos. Por outro lado, hábitos também eram muito importantes: no convento de Montpellier, por exemplo, onde se lavavam pouco, os franciscanos eram 45 e morreram todos.

Foram muito grandes as consequências sociais e psicológicas e que merecem ser abordadas. Os que resistiram ficaram em número bem reduzido para repartir os bens, as heranças, as fortunas.

Para Duby (1998, p. 87-88).

A epidemia determinou uma elevação geral do nível de vida. Ela livrou a Europa de um aumento da população. Durante meio século, a peste permaneceu no estado endêmico, com retornos em quatro ou cinco anos, até por volta de 1400, quando o organismo humano finalmente desenvolveu anticorpos que lhe permitiram resistir.

Colocar em discussão se a peste, de alguma forma contribuiu para o progresso das técnicas de medicina, e se ela com toda a sua carga de sofrimento humano, modificou o comportamento das pessoas.

Ainda segundo Duby (1998, p. 89).

As pessoas apresentavam-se como voluntárias para enterrar os mortos, tratar dos doentes. Sabiam muito bem que arriscavam sua vida, mas o faziam. Os laços de solidariedade estreitaram-se diante da calamidade. Houve progresso na higiene, no século XIV, como consequência da elevação do nível de vida, quando se adquiriu o hábito de usar peças íntimas, roupas que se lavam, mas havia parasitas que conviviam com a espécie humana e esse ecossistema homens-animais favorecia o contágio.

Havia também meios da população saber antecipadamente antes mesmo da peste atingir a sua região, porque a população era muito móvel. Soube-se com antecipação em Avignon, por exemplo, que as pessoas, em Marselha, morriam aos montes. Então as portas das cidades eram fechadas, as pessoas se protegiam no isolamento. Isso é o que fazem os jovens que Boccaccio imagina no Decameron. Enquanto a peste se alastra por Florença, alguns rapazes e moças de boa família se isolam numa propriedade campestre e esperam, se divertindo, que a epidemia termine.

Nas palavras de Duby (1998, p. 90).

Até o século XIX, as pessoas se protegiam encarcerando-se. As cidades isolavam-se, evitava-se o estrangeiro, suspeito de trazer com ele a corrupção. E as autoridades aconselhavam as populações: pode-se constatar nos registros de deliberações das assembleias municipais nas cidades e nos vilarejos do sul da França, onde já existiam, no século XIV, organismos responsáveis pela

vida coletiva. Vemos que os conselhos municipais da época tomaram medidas para lutar contra a invasão da doença. Mas tratava-se, principalmente, de fechar-se atrás dos muros e proibir a entrada dos estrangeiros.

Conforme já mencionado, após contextualização e discussão sobre a peste nesse período, será entregue aos/as aluno/as uma cópia da fonte com perguntas que nos darão meios de conhecer o nível de apreensão do assunto pelos/as mesmos/as. A primeira dirá respeito à religião naquela época.

- 1) Quando o autor diz: a peste foi “enviada aos mortais pela justa ira de Deus para correção de nossas obras iníquas”, o que ele está relatando?

Nesta primeira questão a expectativa é de que o aluno/a tenha percebido que nesse período o homem acreditava que Deus detinha o controle de todas as coisas (Teocentrismo), e tudo que acontecia era sua manifestação do agrado ou descontentamento Dele com as ações humanas. Embora possa ser salientado que nem tudo funcionava segundo esse conceito, havia os que pensavam diferente, como o próprio Boccaccio que era um homem de letras (copista) e, fora perseguido por alguns membros mais radicais da Igreja, por conta da obra Decameron. Inclusive cogitou-se que ele pensou em destruir a obra por conta disso.

- 2) “E, de nada havendo servido os saberes e as providências humanas, como a limpeza das imundícies da cidade por funcionários encarregados de tais coisas, a proibição de entrada dos doentes e os muitos conselhos dados para a conservação da salubridade” Neste trecho a que, exatamente, o autor se refere e, por que não surtiram efeito? O que não ajudou naquela época, mas contribui muito hoje contra a Covid-19?

Esta questão vem complementar a resposta da primeira. Espera-se que o aluno/a possa dizer que foram as medidas de controle da doença e, ainda que não surtiram efeito naquela época, justamente porque eles não sabiam quais eram os verdadeiros vetores que a causavam (pulgas pretas que saíam dos ratos); algumas dessas medidas contribuem muito para reduzir o contágio nas pandemias de hoje como: o isolamento social (quarentena) e isolamento dos doentes; uso de roupas, máscaras e equipamentos de proteção dos funcionários da saúde que hoje se estende para uso da população ,

bloqueio das cidades, impedimento da entrada de estrangeiros, hábitos de higiene, uso de roupas íntimas, etc.

- 3) “E, em meio a tanta aflição e miséria da nossa cidade, a veneranda autoridade das leis divinas e humanas estava quase totalmente decaída[...] era lícito a cada um fazer aquilo que bem entendesse”. Neste trecho, que tipo de controle exerciam as autoridades da Igreja e da sociedade? Tem alguma semelhança e/ou diferença com o momento atual da Covid-19?

Na terceira espera se que na resposta haja uma noção de que a estrutura social era bastante rígida e hierarquizada, que funcionava, ainda, no sistema tripartite: os que oram, os que guerreiam e os que trabalham. Embora após o surgimento dos burgos, a sociedade estava em início de transformação, a Igreja e o Estado monárquico detinham controle quase total da população, o que em situação de pandemia, sofria grandes alterações. Deve também comentar que a semelhança com os dias atuais está no exercício da autoridade governamental e médica para controlar a pandemia da Covid-19. A diferença é com relação as autoridades religiosas (hoje líderes) que não exercem mais o controle sobre todos (falar sobre antropocentrismo). Embora em alguns segmentos religiosos, os líderes chegam até a desorientar os fiéis com relação aos riscos de contágio, outros até, com interesses econômicos, oferecem a cura da doença com a venda de itens que prometem ser milagrosos

REFERÊNCIAS

BOCCACCIO, G. (1321-1375). **Decameron**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

SiteLeLivros.info Disponível em <<file:///C:/Users/anton/Downloads/Decameron%20-%20Giovanni%20Boccaccio.pdf>>

DUBY, G. **Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos**. O medo das epidemias. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

LOYN, H. R. Peste Negra. In: LOYN, H. R. (org). **Dicionário da Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 694-698.

